



Carolina Ribeiro , 1982-1982

*Nem todos os paulistas morreram em 32.
É preciso erguer de novo o penacho de São Paulo.*

Carolina Ribeiro, uma estátua na Praça

Antes da proclamação de 1889, a Praça da República chamou -se Largo 7 de Abril e, anteriormente à abdicação de D. Pedro I, Largo dos Curros, por ali existir vasto campo utilizado para touradas. O edifício da Escola Normal, construído e inaugurado em 1894, projeto do engenheiro e arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, passou a marcar a fisionomia da praça pela linguagem arquitetônica e pela função educacional. Situada na cidade nova sobre a Colina do Chá, entre 1902 e 1904, na gestão do prefeito Antonio Prado, a praça foi contemplada com projeto de paisagismo de Arsênio Puttemans e Antonio Etzel, transformando campo de terra batida num largo ajardinado com espécies vegetais ornamentais, pontes e espelhos d'água.

A praça conta com riquíssimo acervo de obras escultóricas que homenageiam educadores e políticos. Além de três esculturas ornamentais, outras dez esculturas se destacam: J.E.Macedo soares, Caetano de Campos, Oscar Thompson, Luiz Lázaro Zamenhoff, Bernardino de campos, Carolina Ribeiro, Cesário Motta, Carlos Gomes Cardim, R.S.Smith, Baden Powel e Álvares de Azevedo. a estátua de Carolina Ribeiro localiza-se do lado esquerdo de quem está de frente para a antiga Escola Caetano de Campos.

Menina de Tatuí

Carolina Ribeiro nasceu em Tatuí, em janeiro de 1892, filha de José Dionísio Ribeiro e Ana rosa de Oliveira Ribeiro. Foi alfabetizada aos cinco anos de idade numa escola isolada dessa cidade. Completou o primário e cursou a escola complementar na escola Modelo de Itapetininga, passando a exercer o magistério a partir de 1908, aos 16 anos. Como educadora, participou de inúmeras atividades. Em 1939, assumiu a direção da Escola Normal Modelo da capita, cargo que exerceu até 1948, quando restabeleceu o antigo nome Escola Normal Caetano de Campos. Nesse período conseguiu que a escola se transformasse no Instituto de Educação, o maior centro de estudos do setor primário do Estado de São Paulo, "célula *mãe do movimento educacional*". Depois de exercer importantes funções, assumiu a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

No panorama do ensino brasileiro, foi nome de destaque e prestígio por mérito e tempo dedicado ao trabalho. Sua carreira abrangeu vários postos de ensino: professora primária, secundária, diretora do grupo, ginásio, escola normal, superintendente do Ensino Secundário, diretora do Serviço Social do Estado, chefe de um dos hospitais da Cruz Vermelha, chefe do Serviço de assistência ao MMDC, em 1932.

Carolina Ribeiro, cuja estátua passa despercebida no torvelinho de propostas visuais da praça, foi a primeira mulher a ocupar o cargo de Secretária de Estado da Educação de São Paulo, em 1955, aos 64 anos, a convite do governador Jânio Quadros. Nessa ocasião, criou Institutos Experimentais que revolucionaram profundamente os métodos de ensino primário no Brasil.

Sua vida de trabalho refletiu a máxima de que "quem olha para trás não caminha para a frente".

O ensino através da História

Por ocasião do quarto Centenário da fundação da cidade de São Paulo, em 1954, Carolina Ribeiro foia única mulher a colaborar no livro comemorativo publicado pela Prefeitura do Município de São Paulo, ao lado de outros ilustres membros do Instituto histórico e Geográfico de São Paulo: Afonso de Taunay, Pe. Hélio Abranches Viotti, Sérgio Buarque de Holanda, Hélio Damante, Ernani Silva Bruno, Tito Lívio Ferreira, Alfredo Ellis Júnior, Ernesto de Souza Campos e Cel. Luíz Tenório de Brito.

No texto "O ensino através da história", Carolina retrata tempos do Brasil Colonial até a criação da Escola Normal, cuja descrição apresenta de forma magistral: "Eis o ano de 1554, ressoando através dos tempos até nossos dias; são vozes inseguras de curumins, no planalto de Piratininga, a cantar e a rezar em coro, sob as toscas palhas, entre paredes de pau e barro, no apertado espaço de '14 passos por 10', na primeira escola de São Paulo, ali, onde nasceu, como um presepe humilde, a cidade megalópole que 'mais cresce no mundo' ". Vozes infantis; e, entre elas, mais grave e firme, rege a melopeia, a do irmão José (...) de quem o superior da Ordem escrevia: "Aí lhe mando o Irmão José, que por fraco e doente, de pouco vai servir à Companhia" projeta-se através dos séculos, por tradição oral - mais por devoção cordial, consagrado Taumaturgo- pela gente de Piratininga; pois a razão tem razões que a História desconhece.

E mais adiante: "Sonhos somente são agradáveis como sonhos. E a realidade do ensino tem de ser realidade, social e estatística.(...) Rangel pestana, o jornalista de pulso, traça rumos e focaliza a importância de uma grande Escola Normal, como base para a educação do povo. É a grande hora da renovação, e um grande nome se impõe para essa empresa: Caetano de Campos".

Em abril de 1973, na Sala de Sessões da Assembleia Legislativa, apresentou-se o Requerimento nº 87, contendo a biografia da Professora Carolina Ribeiro, com os termos: "Requeremos, nos termos regimentais, a inserção, na Ata dos trabalhos desta Assembleia Legislativa, de um voto de congratulações com a emérita professora Carolina Ribeiro,

presidente da Obra de preservação dos Filhos de Tuberculosos; dando-se ciência da manifestação desta Casa à homenageada, à Liga do professorado Católico de São Paulo, ao movimento de arregimentação Feminina e ao Clube Soroptimista de São Paulo".

Assinado: Dulce Salles Cunha Braga.

Oradora brilhante, foi organizadora e diretora da Escola Normal de São Paulo. De suas conferências, as mais notáveis são: "Deixa-me voltar ao meu trabalho", no Clube Piratininga de São Paulo, "São Paulo esra assim", também no clube Piratininga: "Para que Clube de Sociologia na Escola?"; "Coração de Jesus e Santa Margarida Maria"; "São Francisco de Salles e o seu tempo!"; "A mulher funcionária"; "Uma casa - a mulher nas lutas pela vida"; "As vocações sacerdotais e a mulher"; "As missões no Brasil"; "Congresso Eucarístico Nacional"; "A Eucaristia e Maria virgem Mãe"; "Uma biblioteca"; "A Liga das Senhoras Católicas"; "A liga do professorado Católico"; "Porque me ufano de ser paulista"; "Esta Cruz"; "Poema- A história do Brasil". Editou "Crônicas", "discursos e Conferências" e "Parques Infantis".

Carolina Ribeiro foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde ingressou como sócia honorária em 23 de maio de 1960. A respeito, assim se expressou Vinício Stein de Campos, na homenagem prestada, em 1982, por ocasião de seu falecimento: "A mestra admirável, educadora talhada nos moldes daquele nunca assaz louvado magistério paulista que mereceu em certa fase de nossa vida republicana, a qualificação de melhor e mais eficiente do Brasil, dirigiu em sua longa e brilhante atividade pedagógica o Instituto Caetano de Campos, escola modelar associada para sempre à sua imagem de educadora completa, de sólida formação profissional e cívica. Administradora de tirocínio atualizado e seguro, alma e motor da prestigiosa casa de ensino, que tão alto se alcançou na história luminosa de nossas instituições escolares. Lembremo-nos ainda de sua não menos brilhante passagem pelo mais alto posto de ensino público paulista - a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação".

O professor Almeida Magalhães, ao pronunciar-se sobre a inclusão de Dona Carolina Ribeiro no quadro social do Instituto, na categoria de honorária, lavrou em sua proposta o seguinte parecer: "personalidade por tantos títulos ilustres, a professora Dona Carolina Ribeiro colaborou com este Instituto nas comemorações da Revolução Constitucionalista, proferindo, então, conferência que, muito aplaudida, é trabalho que a torna credora desta casa." Tratava-se da oração em que historiava a participação feminina na epopeia de 9 de julho e a que ela deu o título *A Mulher Paulista em '32*.

Além de ter revolucionado o ensino primário e secundário no Brasil, foi uma das coordenadoras do Movimento das Mulheres em 1932, sendo por isso considerada mulher-símbolo de São Paulo. Serviu a causas nobres, vinculando-se à modernização e à construção da cidadania dos jovens, quando a identificação da mulher com atividades profissionais, que hoje parece tão natural, era alvo ainda de preconceitos e discussões. A ela, nossas homenagens.

Faleceu a eminente professora em abril de 1982, aos 90 anos de idade, tendo sido enterrada no Cemitério da Consolação. A missa de sétimo dia foi celebrada em abril na igreja de Santa Cecília, onde se distribuiu cartão de falecimento:

São Paulo, abril de 1982

Carolina Ribeiro não nos deixou.

Sua presença continua pelos exemplos de fé,
civismo, ideal, dinamismo.

O agradecimento sincero de sua família.

Bibliografia

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, *Requerimento nº 87*, de 1973.

Bittencourt, Adalzira. *A Mulher Paulista na História*. livros de Portugal, S.A., 1954

Bruno, Hernani S. *História e Tradições de São Paulo*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1954.

Escobar, Míriam. *Esculturas no Espaço Público em São Paulo*. Vega engenharia Ambiental, s.d.

Folha de São Paulo, Morreu, aos 90, a ex -secretária Carolina Ribeiro, 16 de abril de 1982.

Gerodetti, J.A.; Cornejo, C. *Lembranças de São Paulo*. v.1, Studio /Flash produções Gráficas, 1999.

Martins, Antonio Egydio. *São Paulo Antigo, 1554-1910*. Paz e Terra, 2003

Melo, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

Michalany, D. *São Paulo no limiar de seu Quinto século*, Gráfica Editora, Michalany S.A., 1955.

Moura, Paulo Cursino de, *São Paulo de Outrora - Evocações da Metrópole*, Comp. Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, s.d.

O Estado de São Paulo, *Carolina Ribeiro, 20 de abril de 1982.*

Porto, A.R. *História da Cidade de São Paulo, Através de Suas Ruas*, Carthago Editorial, São Paulo, 1996.

Ribeiro, Carolina. "A Mulher Paulista em 32", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico, LIX,p.247-75, 1962.*

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo v.79, p.239-40, 1984.

IV Centenário da fundação da Cidade de São Paulo, Gráfica Municipal, São Paulo, 1954.

(extraído de "Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – 10 Anos da Memória Paulista – 2002-2012" Nelly Martins Ferreira Candeias –ed.Escrituras – 2013; pg 651)